

## LITERATURA POR APROPRIAÇÃO E CULTURA DIGITAL NO *MANIFESTO COPISTA*, DE MESSIAS BOTNARO E JOANIM PEPPERONI, PHD

Vitor Cei<sup>1</sup>DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2023.v16.42162>PEPPERONI, Joanim; BOTNARO, Messias. *Manifesto Copista*. 1. ed. Polentawood: Editora Prensa de Torresmos Cantina do Frei, 2021.

Messias Botnaro e Joanim Pepperoni, PhD, nomes que assinam a plaquete digital *Manifesto Copista*, são os pseudônimos ou heterônimos de escritores que permanecem no anonimato<sup>2</sup>, indicando uma atitude de “recusa a participação nos grupos autorais, uma das principais características da literatura brasileira contemporânea” (Lísias, 2021, p. 363)<sup>3</sup>. As respectivas assinaturas também podem ser classificadas como “função-avatar” (Schons, Fukue, 2012), conceito que designa o sujeito-autor que, para se ver livre de amarras institucionais e seus sistemas de controle, utiliza-se de um avatar (*nickname*) que o substitui no ciberespaço. De acordo com Schons e Fukue (2012), a diferença da função-avatar para o pseudônimo literário é que a primeira é determinada pelas condições de produção da cibercultura, que propicia a existência pretensamente livre de um sujeito-autor no ciberespaço, em que a constituição de sua identidade se move, basicamente, pela virtualidade.

Os coautores do *Manifesto Copista*, atualizando as forças e formas poéticas em face da atual cibercultura, tomada aqui como sinônima de cultura digital (Ribeiro, 2018), estão atentos às correntes estéticas recentes da escrita não-criativa e da literatura por apropriação (Goldsmith, 2011; Perloff, 2013; Villa-Forte, 2019), em uma tentativa de provocar e satirizar a literatura brasileira contemporânea a partir de práticas, atitudes e valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pós-doutorando em Literatura Brasileira na Università degli Studi di Padova, Itália, professor no Departamento de Línguas e Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Brasil. E-mail: [vitorcei@gmail.com](mailto:vitorcei@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6756-3236>.

<sup>2</sup> “O anonimato radical de Messias Botnaro provoca, quase que obrigatoriamente, efeito da memória do social, uma remissão não-autorizada a um nome civil específico: Jair Messias Bolsonaro. E é essa remissão que garante seu anonimato radical, acredito.” (Afonso-Rocha, 2021, n.p.).

<sup>3</sup> Renan Bolognin (2021, p. 306) cogita que Botnaro pode ser uma criação coletiva de Ricardo Lísias, Márcio Vaccari e outros. Lísias (2021, p. 362), em contrapartida, observa que o conteúdo da obra começa pela assinatura e alerta para não confundir autor com escritor: “O leitor que costuma fugir das obras vai imediatamente fazer uma pergunta sintomática: que pessoa é Messias Botnaro? Esse é um conservador, que ainda acredita em verdades essenciais [...] ainda não foi informado de que o autor morreu [...] O leitor que se pergunta quem é Messias Botnaro é irresponsável e quer logo que alguém esteja por trás do sentido que ele mesmo dá aos livros”. No caso de Pepperoni, “há sempre o risco de, indesejadamente, qualquer escritor da região da Serra Gaúcha ter o seu nome associado ao pseudônimo e ser apontado como o seu ortônimo” (Arendt, 2020, p. 125).

O *Manifesto Copista*, publicado por uma editora fictícia localizada na imaginária Polentawood, capital da mítica “Terra da Cocanha” (Arendt, 2020), indica uma “recusa a participação nos grupos editoriais” (Lísias, 2021, p. 363). A capa é assinada pelo artista Marcio Vaccari, que criou a imagem do avatar de Botnaro e ilustrou seus outros livros (Botnaro, 2020; Botnaro, 2022). A imagem da capa, baseada numa pintura de Marx e Engels (Granger, 1848), retrata Pepperoni e Botnaro como sempre se apresentam: rosto de sabugo de milho com óculos escuros e corpo invisível vestindo chapéu, respectivamente. Essa capa foi excluída da versão do *Manifesto* incluída na 5ª edição revista e aumentada da *Obra Reunida (2013-2023)* de Pepperoni (2022), publicada pelo Clube de Autores Publicações S/A, de Joinville (SC).

A proposta do *Manifesto Copista* dialoga com o movimento software livre (Stallman, 2002), que desde 1983 tem lutado pela liberdade dos usuários de computador para executar, estudar, alterar e distribuir programas. Adotando os princípios éticos de solidariedade social, compartilhamento, cooperação e liberdade de expressão, criaram o Copyleft, licença que libera dos direitos de uma obra e exige que todas as suas versões e modificações também sejam livres, sem copyright. Em 1998, uma dissidência do movimento criou o conceito de código aberto (*Open Source*) para caracterizar o modelo colaborativo de compartilhamento de códigos-fonte de sistemas operacionais na indústria de software, com a diferença de que algumas licenças de código aberto não se qualificam como licenças livres (Stallman, 2002, p. 57-62). Com sua ironia contumaz, a dupla de autores admite a influência do movimento:

A decadência da figura de autoridade do gênio original tem sido um problema para os Estudos Literários nos últimos cem anos. Considerando que os softwares de *open-source* permitem livre acesso ao código-fonte do programa, dando a qualquer um a possibilidade de o alterar e aprimorar, apropriamo-nos da proposta de uma literatura {*Open Source*}, em código-aberto, para uma nova relação com a linguagem e com a questão da autoria. (Pepperoni; Botnaro, 2021, p. 6).

No campo literário, desde os anos 1980, uma série de autores têm disseminado categorias em atitude de recusa da originalidade em prol da recriação: “reescrita” e “citação” (Compagnon, 2007), “não criativo” (Goldsmith, 2011), “não original” (Perloff, 2013) e “apropriação” (Villa-Forte, 2019), dentre outras, de modo que “o copiar torna-se imperativo” (Abreu, 2023, p. 232). Nesse movimento, atravessando os legados da antropofagia modernista e do código aberto da internet, Messias Botnaro e Joanim Pepperoni, PhD, publicaram a plaquete digital *Manifesto Copista* (2021), irônica apologia do Copyleft, do plágio e da cópia. A dupla de avatares incorpora em perspectiva satírica as bases da “cultura digital (compartilhar, colaborar, remixar, samplear, cortar-e-colar, fazer pastiche, recriar ou editar – no sentido mais amplo)” (Ribeiro, 2018, p. 24).

O estilo do texto é uma paródia do *Manifesto do Partido Comunista* (1848), de Marx e Engels (1998), e do *Manifesto antropófago* (1928), de Oswald de Andrade (1999), que antropofagicamente devora e regurgita suas fontes no exercício de operações intertextuais como a citação, a paródia, a reciclagem e a bricolagem:

UM FANTASMA RONDA A LITERATURA BRASILEIRA – o fantasma de Messias Botnaro. Todas as potências artísticas aliam-se numa sagrada comunhão com esse espectro: desde Joanim Pepperoni, Marcio Vaccari, Ricardo Lísias, Rodrigo Casarin, Caê Guimarães, Gabriel Nascimento, Ronald Augusto, Saulo Ribeiro [...] O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos, verbetes de enciclopédia, leitores de jornais. Copiar. Só nos interessa o que não é nosso. Suprimamos as ideias novas e as outras paralisias. Antropofagia. (Pepperoni; Botnaro, 2021, p. 5).

Leonardo Villa Forte (2019) indaga que autor é esse que produz um objeto textual sem exatamente chegar a escrever? Assim como o DJ enxerga a música como um dado a ser manipulado e alterado, escritores contemporâneos imersos na cultura digital veem textos como peças de arquivo que podem ser selecionadas e rearranjadas em gestos de seleção e edição. Enquanto Botnaro produz textos inteiramente compostos por meio de apropriações (dos discursos bolsonaristas e da tradição literária), a obra de Pepperoni mescla a escrita original e a não original. Ambos incorporam em perspectiva satírica a estética da escrita não-criativa:

Todos os direitos autorais invertidos. Copyleft, uso, cópia, modificações e derivações, distribuição não regulada ou comercialização. Liberdades de criação, distribuição e modificação produzidas a partir de ações colaborativas. Autoria sim, propriedade não. [...] Todos os direitos autorais nas fossas nasais. [...] Livro é produto de elite. O Partido Copista dará livros de graça aos pobres, só para provocar os comunistas. Você pode fazer o que quiser com as nossas obras, pode copiá-las, difundi-las, modificá-las, mas não pode impedir outro de fazê-lo, isto é, não pode apropriar-se dela e impedir sua circulação, não pode colocar nela um *copyright* seu, senão te enrabamos (Pepperoni; Botnaro, 2021, p. 7).

O discurso sério-cômico do *Manifesto Copista* ironiza a caracterização do que seria um ato flagrante de má-fé (o plágio) como um procedimento estético de apropriação com razoável liberdade para sua experimentação de remixagem de trechos de obras cuja origem é facilmente rastreável (Manzoni, 2023). Não obstante, Botnaro já foi acusado de plágio pela empresa multinacional Amazon (Ceí, 2021). Portanto, uma zona conflituosa ainda pode ser apontada: a autoria como instância política e jurídica.

Se desde o século XVI o autor é uma instância não somente de posse sobre os direitos morais e comerciais de uma obra, mas de responsabilização jurídica e política pelo conteúdo do texto (Manzoni, 2023), a escrita não criativa é associada ao princípio de neutralidade da rede, isto é, a proposição de uma “equanimidade” universal e desdiferenciada no fluxo de dados da internet (Goldsmith, 2011, p. 28, Manzoni, 2023, p. 215). Pepperoni e Botnaro, apresentando-se como não-humanos (espiga de milho e espectro, respectivamente), e distribuindo quase todas as obras gratuitamente, funcionam como funções-avatars sem responsabilidade política, jurídica e econômica, “à revelia da dependência de uma instância de validação por um indivíduo específico como fonte e origem do discurso” (Manzoni, 2023, p. 213), “da mesma forma que os memes funcionam hoje na Web, espalhando-se como incêndio

florestal por um curto período, muitas vezes sem assinatura e sem autoria, apenas para ser suplantado pela próxima onda” (Goldsmith, 2011, p. 15). Por isso, são livre para defender:

Todos os direitos autorais invertidos. Copyleft, uso, cópia, modificações e derivações, distribuição não regulada ou comercialização. Liberdades de criação, distribuição e modificação produzidas a partir de ações colaborativas. Autoria sim, propriedade não. Licença não-proprietária de uso. A literatura livre tem autores e coautores, mas não possui donos. Você pode cobrar pela venda de uma cópia impressa, ou você pode distribuir cópias digitais ou impressas de graça. (Pepperoni; Botnaro, 2021, p. 7).

Por conseguinte, o *Manifesto Copista*, na esteira de Goldsmith, desloca a textualidade recolhida e reenquadrada, radicalizando a crítica à autoria individual e à propriedade privada da linguagem, visível já desde as vanguardas do século XX (OuLiPo, concretismo brasileiro, Marcel Duchamp e Walter Benjamin), mas ainda mais candente em face à saturação simbólica da nova era de telas e mídias (Abreu, 2020, p. 18-20).

Podemos concluir que o *Manifesto Copista*, de Messias Botnaro e Joanim Pepperoni, oferta subsídios para a própria compreensão da Escrita não Criativa como conceitual, bem como para os estudos críticos das obras individuais de cada um dos coautores, que devem lidas, compartilhadas, estudadas, avaliadas em relação à sua qualidade estética e – por que não? – copiadas.

## Referências

ABREU, Luis F. Do não criativo ao não próprio: gestos de apropriação na poesia brasileira contemporânea (performar, assinar, arquivar). *Texto Poético*, v. 19, n. 38, p. 230-256, 2023.

AFONSO-ROCHA, Rick. A fala sem bordas de Messias Botnaro: o terror fascista à procura de um enunciador. In: *Resista! Observatório de resistências plurais*. Disponível em: <https://resistadotblog.wordpress.com/2021/07/27/a-fala-sem-bordas-de-messias-botnaro-o-terror-fascista-a-procura-de-um-enunciador/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. *Nuevo Texto Crítico*, ano XII, n. 23/24, p. 25-31, 1999.

ARENDDT, João Claudio. De tudo, à polenta ficarei atento: notas sobre a obra do escritor cocanhês Joanim Pepperoni, PhD. *Odisseia, Natal*, v. 5, p. 106-126, jul. /dez. 2020.

BOLOGNIN, Renan Augusto Ferreira. Simulacros y simulaciones del peor candidato de la historia de la república brasileña: o un análisis del diário da catástrofe brasileira - ano I: o inimaginável foi eleito. In: *Libro de actas del II Congreso Internacional de Literatura Brasileña*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2022, p. 311-324.

BOTNARO, Messias. *Minha luta*: obra reunida. Vitória: Cousa, 2020.

BOTNARO, Messias. *Armas e rosas: poesia de testemunho por desapropriação*. Vitória: Pedregulho, 2022.

CEI, Vitor. Amazon acusa remix literário de plágio e censura livro de Messias Botnaro. *Jornal de Letras*, n. 271, set. 2021.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Traduzido por Cleonice P. B. Mourão, Belo Horizonte, UFMG, 2007.

GOLDSMITH, Kenneth. *Uncreative Writing*. Nova York: Columbia University Press, 2011.

GRANGER. *Marx and Engels, 1848*. Disponível em:  
<https://www.granger.com/results.asp?inline=true&image=0044119&wwwflag=4&itemx=8>.  
Acesso em 15 set. 2023.

LÍSIAS, Ricardo. *Diário da catástrofe brasileira: ano II: um genocídio escancarado*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

MANZONI, Filipe. Duas provocações sobre as políticas do não original. *Texto Poético*, v. 19, n. 38, p. 205-229, 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. M. V. Mazzari. *Estudos Avançados*, v. 12, n. 34, p. 7-46, 1998.

PEPPERONI, Joanim. *Obra reunida (2013-2023)*. Joinville: Clube de Autores, 2022.

PERLOFF, Marjorie. *O gênio não original*. Trad. A. Scandolara. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação*. São Paulo: Parábola, 2018.

SCHONS, Carme Regina.; FUKUE, Mário Rafael Yudi. Noções introdutórias sobre a função-avator e o hiperdiscurso. *Signum*, v. 15, n. 3, p. 343-360, 2011.

STALLMAN, Richard M. *Free Software, Free Society*. Boston: GNU Press, 2002.

VILLA-FORTE, Leonardo. *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2019.

**Data de submissão:** 15/09/2023

**Data de aceite:** 17/12/2023